CRÔNICA



Paulo José Cunha • *paulojosedacunha@mail.com*

Os garis, nossos super-heróis do dia a dia!



"Olha, pai, lá vai o caminhão dos homens do lixo!". — Os homens do lixo somos nós, filho. Eles são os homens... da limpeza!

Tenho um enorme carinho, respeito, admiração e um agradecimento perpétuo pelos garis. Não consigo imaginar minha cidade sem o trabalho silencioso, discreto e eficiente que realizam todo dia. Fico comovido ao vê-los, às vezes tarde da noite, silenciosos, com suas vassouras recolhendo a sujeira que nós, os "bem-nascidos" e "bem-educados", jogamos por aí, inteiramente alheios à importância de dar destino correto aos nossos dejetos, nossa sujeirada, à porcalhada que produzimos no nosso dia a dia.

Apesar do trabalho essencial e insubstituível que realizam em nossas cidades, pouco se sabe de agradecimento a eles. Lá uma vez por ano, ali por perto do Natal, alguns de nós contribuem com a "caixinha do Natal" para que tenham um dinheiro a mais para comprar umas comidinhas diferentes e, assim, realizarem um arremedo de ceia natalina. Ou para conseguir comprar aquele brinquedo que o filho tanto pede.

E ficamos por isso. Absortos em nossas tarefas diárias, mal percebemos o trabalho de formiguinha que eles — e elas! — realizam limpando nossa sujeira. O que mais me deixa comovido é o silêncio. Raríssimas vezes, ouvimos deles um grito, um chamado em voz alta. Palavrão? Mas nem de jeito nenhum! Até parece que nem conhecem algum...

Suspeito que não têm a mínima consciência do trabalho que realizam todos os dias. Apenas cumprem suas tarefas, debaixo de chuva ou de Sol, sem esperar reconhecimento.

Uma imagem que sempre me decepciona é a de gente atirando restos de comida, latas vazias, embalagens e até garrafas pelas janelas dos carros. Acho que acreditam que um ser invisível recolherá os trastes e, num passe de mágica, dará sumiço a tudo. Pior: muitos motoristas ainda xingam os garis acusando-os de estarem... atrapalhando o trânsito!

Sem eles, fico imaginando se seria possível conter a disseminação das doenças, a infestação das pragas, a proliferação de insetos. Isso sem falar nos riscos que correm manipulando montanhas de lixo, muitas vezes, contaminados pelos mais diversos tipos de doenças. E eles lá, pacientemente recolhendo tudo, juntando nossas porcarias e dando a elas o destino correto. Lembro que durante a pandemia, preso em casa, ficava olhando pela janela do apartamento os garis recolhendo pacientemente o lixo dos esgotos. Ou empurrando os containers até a traseira dos caminhões para o lixo ser guardado e levado ao seu destino. Ensinei meu filho pequeno e ao Miguel, amiguinho dele, a aplaudirem os garis quando o caminhão deles passava. Faziam a maior festa quando os garis retribuíam mandando beijos para eles!

Ao que me consta, nunca soube de alguma campanha de conscientização sobre o trabalho dos garis. Não que me lembre. Mas sempre é hora, principalmente para as crianças se conscientizarem de sua importância e desde cedo darem destino seguro ao lixo de cada dia.

Fico imaginando quando os garis chegam em casa cansados, depois de um dia de trabalho pesado e um filho pergunta à mãe: — E aí, mãe, como foi o dia? E garizinha, exausta, mas com aquela voz suave de todas as mães, respondendo: — Muito lixo, meu filho, muito, muito lixo. Esse povo não para de produzir lixo! Mesmo assim, nós conseguimos recolher tudo. Tudo! As ruas ficaram bem limpinhas. Me dá um orgulho... Mas deixa eu primeiro tomar um banho para lhe dar um beijo de boa noite, meu amor. Para você ir dormir, descansar e amanhã ir pra escola que é para estudar até se formar e não ter de viver do lixo como eu e seu pai...

Paulo José Cunha é jornalista, professor e escritor